

TRABALHO DOCENTE E INTERSECCIONALIDADE

Gabriella Marcondes do Amaral, Universidade Estadual do Paraná – Unespar
Maria Inez Barboza Marques, Universidade Estadual do Paraná - Unespar

Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar a pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar). Sabe-se que apesar das iniciativas e ações afirmativas, o Ensino Superior ainda representa um espaço socialmente privilegiado no Brasil. Para aprofundamento desta temática, a pesquisa busca problematizar como a interseccionalidade atravessa o trabalho docente no Ensino Superior do município de Umuarama-Pr, tendo como objeto as intersecções de gênero, raça e classe no trabalho docente no Ensino Superior deste contexto, e como objetivo geral, refletir sobre o trabalho docente, considerando as interseccionalidades de gênero, raça e classe, no Ensino Superior do município de Umuarama-PR.

Materiais e métodos

O trabalho foi elaborado a partir de pesquisa bibliográfica, por meio de artigos científicos, livros e sites especializados. Como método de pesquisa, tem-se utilizado o materialismo histórico e dialético e a perspectiva feminista negra.

Resultados e Discussão

Para refletir sobre o trabalho docente, considerando as interseccionalidades de gênero, raça e classe, primeiramente é fundamental (re)conhecer o processo sócio-histórico e seus aspectos de estruturação de nossa sociedade. Partimos então, de uma discussão sobre capitalismo, patriarcado, racismo estrutural e suas consequências para o ensino superior brasileiro.

Costa (2019) evidenciou o patriarcado e o racismo como elementos que estruturam o desenvolvimento capitalista e a apropriação das mulheres no Brasil, estruturando a exploração da força de trabalho e fundamentando desigualdades e violências. Para a autora, aqui o patriarcado é racista e vice-versa, e o desenvolvimento do capitalismo faz com que as mulheres vivenciem um sistema de dominação-exploração-opressão mais agudizado.

Soma-se a isso, a pesquisa de Bianchini (2020) que analisou a divisão sexual e racial do trabalho no Paraná, discutindo sobre o machismo e o racismo como estruturas de opressão e o acesso das mulheres negras a altos cargos no mercado de trabalho. Utilizando análise marxista, a autora contribui com a compreensão do patriarcado a partir das noções sociais de formação da Família e da Propriedade Privada e chama a atenção para que a divisão do trabalho seja analisada pelo viés de interseccionalidade, tendo em vista que “[...] são indissociáveis as relações patriarcais das relações de classe e raça, expressando-se enquanto categorias que estão em profunda interação e produzem dinâmicas desiguais e contraditórias na formação econômica-social” (Bianchini, 2020, p. 41).

Souza (2022, p. 209-210) também discute sobre o quanto o racismo ofusca a compreensão sobre as contradições do capitalismo, ao naturalizar o fato da maioria da população negra trabalhar em profissões caracterizadas por pouca qualificação técnica e baixa escolaridade, além de não haver um grande número de médicos, dentistas, arquitetos, professores universitários, juízes, promotores e engenheiros negros; sendo a maioria das empregadas domésticas, porteiros, serventes, pedreiros, moradores das favelas e população carcerária composta por pessoas negras.

Nas palavras de Almeida (2019), uma das principais funcionalidades do racismo para o capitalismo brasileiro é naturalizar as desigualdades sociais, atribuindo à identidade racial dos indivíduos a precarização ou a detenção de privilégios. Para o autor, na sociedade brasileira, o racismo é regra e não exceção, integrando a organização política e econômica da sociedade, por isso deve ser entendido como estrutural.

Ao averiguar as interseções e desigualdades de gênero, classe e raça no trabalho docente no ensino superior no Brasil, verificou-se que vários autores contribuem com as discussões sobre o mundo do trabalho e a questão de gênero, afirmando que na atual composição da classe trabalhadora presencia-se, aumento significativo do trabalho feminino, que tem sido absorvido pelo capital, principalmente em atividades precarizadas e desregulamentadas (Mazzetti, Wedig e Oliveira, 2020; Souza-Lobo, 2021).

No entanto, quanto à dimensão salarial, esta expansão do trabalho feminino tem significado inverso, pois a desigualdade salarial, o acesso aos direitos e (boas) condições de trabalho das mulheres contradizem essa crescente participação no mercado de trabalho, sendo significativamente menores ou inexistentes (Kaiser, 2023).

Ao relacionar esses aspectos com o contexto acadêmico e de formação profissional, destaca-se o fato de as mulheres serem o maior público nas estatísticas de ingressos, matrículas e conclusões de cursos superiores de graduação, e diante disso, a expectativa de que estas estejam em maioria nos cargos de docência das IES brasileiras. Vale ressaltar que na carreira docente do Ensino Superior, quanto maior o nível de escolarização, maior a remuneração e, conseqüentemente, maior o prestígio social atribuído à profissão (Ferreira, Teixeira, Ferreira, 2022).

Entretanto, índices do último censo demográfico demonstram que mesmo o maior grau de escolaridade das mulheres não é suficiente para equilibrar sua situação em relação aos homens, sendo estes os que mais ocupam vagas no mercado de trabalho, independente do grau de instrução.

Soma-se a esses atravessamentos sociais de classe e gênero, o fato de a sociedade brasileira ser marcada pela ausência e invisibilidade de pessoas negras em espaços sociais de prestígio, fato que decorre do processo histórico de desigualdade, hierarquização e escravização que violaram a concepção de pessoas negras enquanto cidadãs.

Neste sentido, ao abordarmos aspectos educacionais, há que se considerar os reflexos deste histórico na educação brasileira que durante muito tempo não permitiu a presença de pessoas negras nas escolas e universidades, favorecendo a naturalização da ausência desses sujeitos nos espaços educativos, pois conforme Clemente e Clemente (2023), as universidades brasileiras não foram criadas para estudantes e docentes negros(os) e indígenas. “[...] Falar de raça na docência superior em nosso país, precisa partir do ponto que a educação foi pensada para uma raça distinta, e não foi à negra” (Santos, Matos e França, 2020, p. 9).

Desse modo, para propor reflexões sobre as interseções de gênero, classe e raça identificadas na docência no Ensino Superior, torna-se imprescindível abordar o conceito de interseccionalidade, conforme proposto por Crenshaw (2002), com o objetivo de dar nome às diferentes formas de opressão, buscando compreender como estas operam juntas, no cruzamento entre vias, limitando as chances de sucesso de mulheres negras. Para Crenshaw (2002, p. 177),

A interseccionalidade [...] trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.

Tal discussão faz emergir o que Saffioti (1992) chamou de simbiose patriarcado-racismo-capitalismo, demonstrando a imponência dos atravessamentos de raça, gênero e classe social como opressões que determinam as experiências de mulheres negras desde o seu nascimento, interferindo em seu processo de (de)formação e inserção profissional.

Considerações finais

No âmbito do ensino superior, as desigualdades na ocupação de espaços socialmente privilegiados são ainda mais evidentes, o que faz dos movimentos sociais e do contexto acadêmico científico, aqui incluo essa pesquisa, ainda mais importantes para a luta árdua e contínua contra essa estrutura. Neste sentido, reitera-se a importância de pesquisas que considerem os atravessamentos de gênero, raça e classe, debatendo sobre o enfrentamento à sobreposição das condições estruturais como o machismo, racismo e classicismo que atingem e criam encargos singulares às mulheres negras.

Referências

- ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BIANCHINI, Juliana. **Políticas Públicas como Ferramenta de Superação da Divisão Sexual e Racial do Trabalho no Estado do Paraná**. 2020. Dissertação (Mestrado em Direitos Fundamentais e Democracia) - Centro Universitário Autônomo do Brasil. Curitiba, Paraná, 2020.
- CLEMENTE, Flávia da Silva; CLEMENTE, Márcia da Silva. Racismo e sexismo em Instituições de Ensino Superior: experiências de docentes negras na gestão acadêmica. **Estudos Universitários**: revista de cultura, v. 40, n. 1, Recife,

jan./jun. 2023. p. 170-196 Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/estudosuniversitarios/article/view/58235>. Acesso em: 04 jan. 2024.

COSTA, Renata Gomes da. **Apropriação das mulheres no Brasil**: uma análise feminista e antirracista das consequências materiais do capitalismo dependente. 2019. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Faculdade de Serviço Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, 2002. p. 171-188. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 18 mai. 2024.

FERREIRA, Edimara Maria; TEIXEIRA, Karla Maria Damiano; FERREIRA, Marco Aurelio Marques. Prevalência racial e de gênero no perfil de docentes do ensino superior. **Revista Katálysis**, v. 25, n. 2, Florianópolis, maio-ago. 2022. p. 303-315. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/84603>. Acesso em: 11 jun. 2024.

KAISER, Juliana Rodrigues. **Diversidade, exclusão (e inclusão) de gênero e raça no mercado de trabalho Brasileiro**. 2023. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) - Escola de Ciências Sociais da Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2023.

MAZZETTI, Antônio Carlos; WEDIG, Josiane Carine; OLIVEIRA, Marlize Rubin. Interseccionalidade de gênero, raça e classe: uma análise da Educação Superior no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 28, n. 4, out./dez, 2020. Disponível em:
<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa>. Acesso em: 04 jan. 2024.

SANTOS, Israel Jairo; MATOS, Patrícia Modesto; FRANÇA, Dalila Xavier de. A Raça e o Gênero na Docência do Ensino Superior. In: **Anais Educon**, São Cristóvão/SE, v. 14, n. 10, 2020, p. 1-18. Disponível em:
http://anais.educonse.com.br/2020/a_raca_e_o_genero_na_docencia_do_ensino_superior_race_and_gender.pdf. Acesso em: 04 jan. 2024.

SOUZA, Mário Luiz de. Capitalismo e racismo: uma relação essencial para se entender o predomínio do racismo na sociedade brasileira. **Revista Katálysis**, v.25, n. 2, Florianópolis, maio-ago. 2022. p. 202-211. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rk/a/C6N8TfK97tq9XXbmgG9nJcv/>. Acesso em: 02 jul. 2024.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. O gênero no trabalho: perspectivas teóricas e metodológicas. In: SOUZA- LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos**: trabalho, dominação e resistência. 3ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Editora Expressão Popular, 2021. p. 125-212.